

O FUTEBOL COMO TRABALHO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO FAZER-SE JOGADORA DA INFÂNCIA AO PROFISSIONALISMO (1983-2023)

Fernanda Ribeiro Haag¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender o processo de construção da carreira de futebolistas profissionais no Brasil, utilizando a noção de "fazer-se jogadora". A análise, ancorada na perspectiva da História Social do Trabalho e dos Estudos de Gênero, concentra-se no momento da transição em que o futebol deixa de ser apenas um lazer e passa a ser reconhecido como trabalho pelas atletas. A metodologia utilizada é a História Oral Temática, baseada nas narrativas de oito jogadoras brasileiras que atuaram profissionalmente entre 1983, ano da regulamentação da modalidade no país, e 2023. Os resultados demonstram que a construção da carreira é um processo dinâmico, caracterizado pela agência das jogadoras no desenvolvimento de seus projetos e pelos condicionamentos estruturais da sociedade e do campo esportivo. As trajetórias analisadas revelam que o "fazer-se jogadora" não é homogêneo: as atletas empregam estratégias diversificadas e alcançam resultados distintos, influenciados por contextos, clubes e agentes específicos. Apesar das particularidades, semelhanças marcantes perpassam suas experiências, como a precarização e a instabilidade na profissão.

Palavras-chave: Futebol de Mulheres; História Oral; Carreira Profissional

Soccer as Work in Brazil: an analysis of *the making of a women's soccer player from childhood to professionalism (1983-2023)*

Abstract: This article aims to understand the career-building process of professional women's football players in Brazil, employing the concept of "becoming a player." The analysis, grounded in the perspectives of the Social History of Work and Gender Studies, focuses on the critical transition moment when football shifts from being a leisure activity to being recognized as work by the athletes. The methodology used is Thematic Oral History, based on the narratives of eight Brazilian players who played professionally between 1983, the year the sport was regulated in the country, and 2023. The results demonstrate that career construction is a dynamic process, characterized by the players' agency in developing their projects and by the conditioning factors of societal and sports field structures. The analyzed trajectories reveal that "becoming a player" is not homogeneous: the athletes employ diverse strategies and achieve distinct results, influenced by specific contexts, clubs, and agents. Despite their particularities, significant similarities permeate their experiences, such as labor precarity and professional instability.

Keywords: Women's Football; Oral History; Professional Career

¹ Instituto Federal do Paraná (IFPR). Email.: ferhaag89@gmail.com

Introdução

“Em 2020, quando a gente gravou eu jogava por diversão. Eu ainda jogo, mas agora eu tenho aquele foco direto na minha carreira, né?”.

A frase da epígrafe foi dita por Juju Dinis, atleta da base da Associação Desportiva Centro Olímpico (importante equipe formadora de futebolistas), na segunda temporada da série *Absolutas*² produzida pela Federação Paulista de Futebol. A jovem projeta o seu futuro como jogadora e destaca o foco no desenvolvimento da sua carreira. A construção de uma carreira como atleta profissional de futebol está interligada à lógica do campo esportivo, assim como, à estrutura da sociedade de classes. Ademais, as jogadoras possuem agência no desenvolvimento do seu projeto (constantemente chamado de sonho) e empreendem estratégias diversificadas para realizá-lo, alcançando também distintos resultados.

Emprestando a perspectiva de Thompson sobre o fazer-se da classe operária, podemos encarar que o *fazer-se* jogadora se configura como um “processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos” (THOMPSON, 2011). De tal modo, descortina-se o objetivo deste texto: compreender o processo de construção da carreira de futebolistas ou, em outras palavras, o *fazer-se* jogadora profissional. Pelo limite deste texto foi estabelecido um recorte, por isso, a análise se detém ao momento de transição, ou seja, quando o futebol passa a ser um trabalho e elas passam a se reconhecer como jogadoras profissionais.

Para isso o capítulo parte da trajetória e narrativa de oito futebolistas brasileiras, que atuaram de 1983 a 2023. O último ano é 2023 (momento de escrita deste texto) visto que duas delas jogam atualmente e o marco inicial é 1983 devido à regulamentação do futebol de mulheres no Brasil publicada na Deliberação nº 01/1983, pelo Conselho Nacional de Desportos, durante a distensão política da ditadura civil-militar. Ou seja, as oito jogadoras atuaram profissionalmente após a regulamentação e um dos motivos é justamente que antes disso não era uma carreira ou um trabalho possível para elas.

² FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **Absolutas – Ep. 1 Foguete não tem ré.** 20 set. 2022. 1 vídeo (7min34seg). Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=635630088280491&_rdc=1&_rdr Acesso em: 11 abr. 2023.

Todas tiveram o futebol como trabalho em algum momento de suas trajetórias e buscaram construir uma carreira no campo esportivo. Atuaram em clubes nacionais – dos ditos “menores” aos mais importantes da modalidade – e seis delas jogaram fora do Brasil, mais especificamente, na Europa. Disputaram os principais campeonatos de futebol de mulheres, seja no país de origem ou nos países que as receberam como jogadoras imigrantes. As oito tiveram passagens pela Seleção Brasileira e disputaram os torneios mais importantes: Copa do Mundo, Olimpíadas, Sul-Americano, Pan-Americano, Torneio Internacional de São Paulo. Mas há variação, pois nem todas disputaram todos os campeonatos. De toda forma, vivenciaram a Seleção nacional e nas palavras de uma delas “É a realização de um trabalho que você faz durante a vida inteira” (AGGIO, 2022).

O capítulo não busca generalizar a experiência de todas as jogadoras de futebol e reconhece que as vivências de outras atletas podem ser diferentes, por isso, se limita ao estudo de casos específicos. Ressaltando que a análise das trajetórias das futebolistas não se limita apenas a uma perspectiva individual, mas também considera as relações sociais que influenciaram suas carreiras.

História Oral: entre memórias e narrativas

O capítulo partiu da História Oral enquanto método, por isso foram realizadas entrevistas, as quais se constituem como uma fonte intencionalmente construída e feita de maneira colaborativa e dialógica, pois envolve o sujeito pesquisado (as jogadoras) e o pesquisador (HOLLANDA.; RIBEIRO, 2019). Assim, conforme Alberti (2013), as narrativas das entrevistadas são elas mesmas o nosso objeto de análise, ou seja, ao realizar uma pesquisa de história oral é fundamental considerar a relevância da pergunta "como as entrevistadas percebiam e ainda percebem o assunto em questão?".

Portelli complementa essa noção ao afirmar que a História Oral não diz respeito somente ao evento, mas também ao lugar e ao significado do evento dentro da vida das narradoras. Sobre as fontes orais, o historiador destaca o seu caráter ativo, pois as entrevistadas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e *criam significado* através do trabalho da memória (PORTELLI, 2016). Outro elemento importante sobre as fontes orais é que elas são “condição necessária (não suficiente) para a história das classes não

hegemônicas” (PORTELLI, 1997). Podemos estender tal raciocínio para além da noção de classe, pensando em outros grupos minoritários a partir de uma perspectiva de raça e gênero.

Nesse sentido, analisar a trajetória de *jogadoras* é pertinente para a compreensão do desenvolvimento do futebol no Brasil e para a apreensão da maneira pela qual a desigualdade de gênero engendra relações de trabalho no campo esportivo. Falar sobre as experiências das jogadoras também se justifica, pois como já destacado, as mulheres no futebol foram por muito tempo invisibilizadas e suas histórias negligenciadas (GOELLNER, 2005; KESSLER, 2015; SILVA, 2015; GOELLNER, S. V.; CABRAL, 2022) e é necessário tirar das sombras tais sujeitos históricos. Contudo, não é adotar uma postura arrogante ou ingênua de “dar voz” às silenciadas, como se elas já não a tivessem, mas ao contrário, é oferecer-lhes uma escuta às suas memórias (TONINI, 2016).

Ademais, o emprego da História Oral tem especial utilidade para que olhemos além do circuito do futebol espetáculo masculino, foco constante da cobertura midiática e memorialística (HOLLANDA; RIBEIRO, 2019). Para o capítulo foram realizadas entrevistas únicas e direcionadas. Direcionadas, pois optamos por realizar uma história oral temática. Foi elaborado um roteiro visando um mínimo encadeamento lógico de rememoração, contudo, sem aprisionar a narrativa contada e permitindo às entrevistadas seguirem seu fluxo de memória.

Uma breve periodização do futebol de mulheres no Brasil

Uma carreira como jogadora profissional começou a se tornar viável às mulheres no Brasil após a regulamentação do futebol feminino com a publicação da Deliberação CND nº 01/1983. Contudo, é importante destacar que em seu artigo 3º a deliberação vetava o profissionalismo às mulheres, a prática deveria ser amadora, por isso, a ideia de que *começa* a se tornar viável e muitas futebolistas passam a vislumbrar tal projeto, mas não é um processo automático. De toda forma, a regulamentação foi fruto de intensas mobilizações contra as

proibições até então vigentes³ e em defesa de uma modalidade organizada e reconhecida.

Devido ao limite do capítulo, não cabe se aprofundar aqui na historicidade do futebol de mulheres durante os anos de 1983 a 2023, mas é pertinente ao menos uma breve periodização a fim de situar historicamente as narrativas das jogadoras. Tal período pode ser dividido em três fases: 1) de 1983 a 1995, começa com a Deliberação nº 01/1983 e finaliza com a Copa do Mundo da Suécia, em 1995; 2) de 1996 a 2019, inicia com a Olimpíada de Atlanta e segue até o princípio da Copa do Mundo da França; 3) de 2019 em diante, considerando justamente a Copa da França como um marco de ruptura e inaugural dessa nossa fase.

A primeira fase é caracterizada pela luta pela regulamentação e pelo reconhecimento da modalidade. Está diretamente conectada ao processo de transição democrática⁴ e às lutas sociais travadas nos anos 1980 e 1990 no contexto brasileiro. Havia uma preocupação de demarcar a existência do futebol de mulheres, por isso, destaca-se a atuação da denominada “geração pioneira” (GOELLNER, S. V.; CABRAL, 2022), aquelas que vivenciaram e se dedicaram ao futebol logo após a regulamentação⁵. As iniciativas de estruturação da prática futebolística pelas mulheres eram menos articuladas nessa fase, os times existiam, mas com dificuldades de manutenção, e os torneios se estabeleciam mais em âmbito regional e nacional e com suporte (ou não) difuso das instituições esportivas, como a CBF e as federações estaduais. Outros elementos que sobressaem deste período é a convocação da primeira Seleção Brasileira, a disputa da primeira Copa do Mundo e Campeonato Sul-Americano.

Os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, constituem um marco para o futebol de mulheres no Brasil e inaugura-se a segunda fase. Há um grau de reconhecimento da existência da modalidade, entretanto, há uma grande carência de profissionalismo. Carência que perpassa a estrutura como um todo

³ O futebol de mulheres no Brasil foi oficialmente proibido por quase quarenta décadas. As proibições foram descritas pelo Decreto 3.199 de 1941 do Estado Novo e pela Deliberação nº 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos (CND) na ditadura civil-militar. Em 1979, a Deliberação nº 10/79 revogou a anterior de 1965, o que apesar de retirar a proibição, ainda mantinha a modalidade clandestina, pois não havia regulamentação.

⁴ Processo de transição da ditadura civil-militar para um regime de democracia liberal no Brasil.

⁵ O pioneirismo aqui se refere às primeiras que jogaram bolas após a regulamentação, mas é importante explicitar que as mulheres sempre estiveram em campo, mesmo antes do ano de 1983, inclusive durante a proibição.

desse futebol: equipes, federações, calendário, competições, mídia, (falta de) investimentos. Na mesma medida temos cobranças e exigências demandando melhorias. Basta lembrar da icônica faixa “Brasil, precisamos de apoio” levantada pelas jogadoras da Seleção Brasileira na final da Copa do Mundo da China, em 2007. Além disso, essa fase também se caracteriza pelo crescimento significativo da imigração de jogadoras brasileiras, pela consolidação de torneios internacionais, por um crescimento da cobertura midiática (ainda que, por muitas vezes, repleta de estereótipos de gênero) e pela participação e incentivo estatal na manutenção da modalidade.

A terceira fase iniciou a partir da Copa do Mundo da França, em 2019, segue até os dias atuais e terá continuidade em anos futuros. A Copa de 2019 foi um marco para o futebol de mulheres e também a culminância de construções anteriores, tanto dentro do campo esportivo, com as cobranças e disputas por melhorias, quanto fora, relacionadas com a “Explosão Feminista” (HOLLANDA, H. B., 2018). De tal modo, essa fase abriu inúmeras possibilidades, com relação à uma maior profissionalização da modalidade e não só no Brasil. Parece ser um consenso entre os agentes envolvidos com o futebol de mulheres que o crescimento ocorrido a partir de 2019 é bastante significativo e abrange todas as esferas (atletas, clubes, federações, investidores, Estados, outros profissionais, gestores e dirigentes, meios de comunicação).

Para nos atermos ao caso brasileiro é importante destacar exemplos dessa profissionalização: ocupação de cargos de gestão na CBF por mulheres, como Aline Pellegrino e Eduarda Luizelli; treinadoras mulheres no comando das Seleções Brasileiras, Simone Jatobá (sub-17) e Pia Sundhage (principal); equiparação das diárias e premiação para homens e mulheres na Seleção; criação de mais divisões nos campeonatos nacionais (séries A1, A2 e A3), organização de campeonatos de categoria de base (Sub-18, Sub-16 e Sub-14); crescimento efetivo da audiência e do público nos estádios para acompanhar os jogos, maior cobertura esportiva, aumento dos investimentos e patrocinadores.

Uma ressalva sobre a periodização: não a compreender nem de maneira estanque, cada fase não é completamente independente da outra, há permanências e rupturas; nem como uma linha progressiva, avanços e retrocessos ocorrem ao longo de todos esses períodos. Na esteira disso há uma

especificidade do futebol de mulheres no Brasil: o efeito sanfona. Tal efeito não é novidade e as pesquisadoras Mourão e Morel (2005) já o destacavam no início do século XXI: “Há no FF um movimento ‘sanfona’, quando o contexto parece representar uma condição de estabilidade observa-se de forma dinâmica uma retração desta prática.” Kessler (2015), dez anos depois segue na mesma direção: “A ineficácia em termos de ações perenes gera um quadro de instabilidades, de ‘efeito sanfona’, de frequente expansão e retração do futebol de mulheres.”

A profissão de jogadora de futebol

O vínculo entre os mundos do trabalho e do futebol vem sendo construído pelos pesquisadores das Ciências Humanas e se constitui em um dos eixos centrais da história social do esporte no Brasil, porque ao salientar a relação do gênese dos esportes com o nacionalismo, industrialização e urbanização, aborda-se concomitantemente a formação identitária da classe trabalhadora assim como a sua conexão com os esportes modernos (HOLLANDA; FONTES, 2021). Há também uma produção bibliográfica importante sobre o processo histórico de profissionalização do futebol dos homens (SANTOS, 2010; PEREIRA, 2000) assim como análises antropológicas fundamentais sobre a formação e profissão de jogadores (ARAÚJO, 1980; DAMO, 2005). Contudo, é um campo de estudo com bastante espaço para crescimento e com lacunas a serem preenchidas. Pensar o gênero imbricado dialeticamente com a classe é um desses caminhos possíveis.

Para isso cabe abordar as discussões acerca da profissão de futebolista e as suas especificidades. Roderick (2006) elenca algumas delas. 1) É um trabalho que demanda uma habilidade manual altamente especializada e diferente dos trabalhadores industriais, pois o envolvimento do jogador com a sua profissão é mais intensa, e por vezes, pode-se encontrar uma sensação de autorrealização nela, sobretudo, no início da carreira. Além disso, a ideia de que o jogador pode construir uma carreira como profissional se torna parte integrante do seu próprio senso de identidade. 2) É uma carreira breve, para os atletas o padrão é começar suas trajetórias ainda jovens ou crianças, mas são poucos que continuam após os 35 anos. Durante esses anos eles são expostos a riscos relativamente altos, que podem resultar no encerramento antecipado da sua carreira, e passam por

intensos e prolongados períodos de exercícios físicos. É comum nas suas narrativas as falas sobre a necessidade de muita dedicação e disciplina para ter sucesso.

3) Aliado a isso a profissão futebolista tem uma dimensão temporal específica, a sua carreira é muito vulnerável ao envelhecimento, por isso o envelhecer e a aposentadoria são elementos fortemente presentes e se relacionam com a identidade e reputação. Assim, quanto mais velho, mais o jogador se torna sensível à insegurança do trabalho, pois características importantes da atividade física envolvida variam com a idade. 4) Com relação à insegurança trabalhista, o futebol é um mercado de trabalho altamente competitivo e caracterizado por contratos de curta duração. As instituições que contratam (ou seja, os clubes) são constituídas por trabalhadores altamente especializados e de alta mobilidade, isto é, que se movem continuamente entre um empregador e outro. De tal modo, a vasta maioria dos jogadores assina contratos determinados e de curta duração (normalmente duram de um a cinco anos), nos quais há uma gigantesca concentração de lucro nas mãos de um número pequeno de contratantes.

5) A progressão de carreira também é bastante peculiar, diferente de outros empregos, nos quais há a noção (ou ao menos a perspectiva) de progredir para melhores cargos com o passar do tempo, para os atletas o avanço na carreira nunca é garantido e como seu ápice físico ocorre anos antes da aposentadoria a tendência ao final é um aumento da insegurança para encontrar outros contratantes e que provavelmente não terão o mesmo destaque ou as mesmas condições de trabalho. Ademais, a progressão na carreira é marcada pela insegurança graças à possibilidade de lesões. A preocupação excessiva com o corpo é uma constante, por isso são comuns os casos em que os jogadores são levados a terem um comportamento marcado pela abstinência e sacrifício em prol de preservar o seu físico.

As proposições de Roderick são fundamentais para compreendermos melhor o que envolve o futebol como trabalho. Contudo, seu recorte abrange somente o futebol de homens. É preciso pensar o lugar das mulheres nesse contexto e de que forma o futebol como trabalho se configura para elas. Culvin (2019) busca compreender por que e como as mulheres tentam forjar uma carreira como jogadora profissional, visto que o futebol evidencia uma situação

de emprego precária e insegura. Recorda ainda que no mundo do trabalho há mais mulheres em cargos precários e/ou de carga horária parcial e com posições subordinadas.

A precarização pode ser sentida na insegurança dos vínculos trabalhistas. As jogadoras ao redor do global operam com contratos de curta duração, normalmente de um a três anos (padrão menor que dos homens), e muitas delas nem contratos possuem (FIFPro, 2017). Culvin (2019) explica que a consequência dessa insegurança é similar aos dos trabalhadores *freelance*, eles nunca podem negar um trabalho. Levando-as a um ciclo contínuo de competições e jogos, logo, intensos períodos de treinamento, alta performance e, claro, trabalho. De tal modo, o futebol de mulheres opera em condições de mercado muito instáveis.

Ademais, as jogadoras desempenham todas essas atividades em um ambiente de hegemonia masculina. Os homens predominantemente ocupam as posições de poder do esporte e, assim, controlam o desenvolvimento da modalidade. Nesse meio decisório, muitas vezes os times de mulheres são vistos como caridade, como uma benesse oferecida pelo próprio clube. Mesmo que homens e mulheres joguem o mesmo jogo, dentro do mesmo clube, as relações de poder que dominam os times e organizações reforçam uma suposta distinção entre o “futebol de verdade” e o futebol de mulheres. Por isso, jogadores e jogadoras dificilmente terão experiências semelhantes quando se trata da gestão esportiva, do treinamento e da estrutura que recebem.

As futebolistas também sofrem uma maior pressão para atender um ideal atlético dentro do futebol – com todas as exigências de dedicação, sacrifício e disciplina – e um ideal de feminilidade na sociedade em geral. Além disso, dentre os motivos que fazem as jogadoras desistirem de suas carreiras mais cedo estão a maternidade e as obrigações familiares. E proporcionalmente essas obrigações familiares implicam muito mais mulheres do que homens. Há uma dificuldade delas em negociar essas obrigações específicas com o seu gênero. Culvin ainda acrescenta como motivos: a falta de incentivo financeiro para permanecer no esporte e o anseio de procurar oportunidades profissionais fora do futebol.

Com todas essas dificuldades e percalços vale retomar o questionamento: o que leva mulheres a se tornarem jogadoras profissionais? Como é o desenvolvimento do *fazer-se* futebolista? McGillivray et al. (2005) apesar de

analisarem a realidade do futebol escocês, trazem um caminho para que possamos pensar em respostas. Para os pesquisadores os futebolistas acabam “caught up in and by the game”. A partir dessa premissa se baseiam na pesquisa de Wacquant sobre os boxeadores para explicar que o campo futebolístico é relativamente autônomo, com uma lógica própria e o futebolista é “inhabited by the game he inhabits”, encontrando dificuldade para enxergar fora da lógica desse campo.

Para muitos jogadores o futebol é a única coisa que eles sempre fizeram e a única que sabem fazer. Outro ponto dos autores é que a identidade dos jogadores profissionais está enraizada em seu corpo, ou seja, o futebol é, retomando Wacquant, uma *embodied practice*. Assim, o corpo é o local que incorpora uma história. Um terceiro elemento apontado sobre os jogadores é que mesmo se tivessem a oportunidade em outras profissões, seguiriam no futebol, pois possibilita a eles escaparem da insegurança que eles enfrentariam em outros espaços. Isso se relaciona, sobretudo, às classes populares e à visão do futebol como vetor de ascensão social.

Culvin traz a perspectiva das jogadoras e complementa todo esse raciocínio. Para ela é subestimado o fato de que mulheres jogam futebol simplesmente porque amam o jogo, visto que há uma imensa insegurança financeira envolvida. Muitas das jogadoras entrevistadas por Culvin retratavam um autêntico “labour of love”, pois o futebol fazia parte de suas identidades e desde jovens basearam muitas das decisões importantes da vida no amor pelo jogo. Portanto, o futebol pode ser considerado um campo relativamente autônomo, no qual os jogadores e jogadoras o formam e por ele são formados e assim constroem as suas próprias identidades vinculadas ao esporte, influenciando diretamente nas tomadas de decisões e na escolha profissional. Vejamos como isso aparece na narrativa das entrevistadas:

Futebol, literalmente, tudo que eu vivi. Minha vida, é minha vida. Foi como eu falei, eu não sei se eu fui sortuda, mas o futebol foi o que eu conquistei. Foi aprender outros idiomas, foi conhecer outras culturas. Eu acho que o futebol é minha vida. Literalmente é a minha vida. Eu me baseei... tudo o que eu fui vivendo foi nisso. **Então futebol é o que eu sou, o futebol sou eu.** (MORENO, 2022).

É a minha profissão, é o que eu quero fazer. É que algumas coisas você vai descobrindo e se identificando quando você está vivenciando,

quando eu entro dentro de campo, eu sou eu lá. Eu me sinto eu (WAHLBRINK, 2022).

São dois registros, mas o futebol como elemento central da identidade se faz presente na fala de todas as entrevistadas, é sempre um eixo definidor das suas vidas. Os trechos acima são bastante simbólicos desse processo. De tal modo, cabe analisar agora como foi a trajetória das futebolistas até o momento do esporte se tornar um trabalho para elas, em outras palavras, como foi o fazer-se jogadora.

Fazer-se jogadora: da infância ao futebol como trabalho

Araújo (1980) em sua dissertação de mestrado realiza um estudo de caso com oito jogadores profissionais atuantes em 1980 com o objetivo de compreender por que escolheram o futebol como profissão e a concepção que possuíam sobre suas carreiras. Para o antropólogo a carreira de jogador é uma escolha feita com muita “reflexão e cálculo”, considerando os riscos dessa escolha, mas sobretudo, a possibilidade de ascensão social e a independência financeira. Portanto, a decisão de jogar profissionalmente o futebol foi tomada a partir de um *projeto*, de uma “atividade eminentemente consciente”.

Astruc (2021) ao analisar as trajetórias individuais de jogadores que representaram o Brasil nas Copas do Mundo de 1954 a 1978, e também preocupado em pensar o futebol como profissão, contrapõe essa proposição⁶. Para ele a escolha da ocupação futebolística não é fruto de uma reflexão estratégica ou um projeto visando o longo prazo e a ascensão social. Há dois argumentos para embasar tal posicionamento: 1) ser jogador profissional era a realização de um sonho infantil, transformar a paixão pessoal em ocupação; 2) a ênfase no fator sorte e de circunstâncias ocasionais para se tornar jogador. Assim, eles se *tornaram* jogadores, mais do que *escolheram*.

Como visto, a profissão de jogadora, além das dificuldades já existentes em uma carreira futebolística, sofre com os agravantes oriundos das desigualdades de gênero. Surge o questionamento: será que as mulheres escolhem consciente e estrategicamente serem jogadoras ou se tornam por situações ocasionais de suas

⁶ Mesmo que ambos estejam preocupados com o futebol enquanto profissão, o próprio Astruc coloca que os depoimentos colhidos das duas pesquisas ocorreram em condições distintas, os perfis dos entrevistados e as perguntas também diferem, o que contribui para os resultados diferentes.

vidas? As futebolistas entrevistadas, em sua maioria, declararam que jogar futebol profissionalmente era um objetivo desde a infância ou adolescência, a despeito de todos os desafios existentes: “Sempre, sempre. Eu sempre falei que eu ia ser jogadora de futebol” (OLIVEIRA, 2022). Elas relatam um empecilho vivido nessa época da vida: enxergar as condições materiais para concretizar esse projeto, principalmente, pela ausência ou pouca quantidade de times de mulheres. Jatobá expõe uma mudança quando assistiu mulheres jogando profissionalmente:

Teve uma preliminar que jogaram as meninas. E aquilo me encantou, então falei “nossa, agora sim, eu posso no futuro ser uma atleta, uma jogadora de futebol profissional.” (...) Isso tinha, acho que 6 ou 7 anos, é isso. Acho que a final foi em 87, 88. Então nós fomos todos para São Paulo para assistir, toda a família, e aquilo me chamou muita atenção. Então, eu falei “poxa, é o que eu quero”. (JATOBÁ, 2022)

Apenas três atletas foram categóricas ao afirmar que ser futebolista não estava em seus planos. Duas delas são da geração pioneira:

Não, nunca passou e as coisas foram acontecendo assim... De uma forma que foram acontecendo, foram passando e aí as coisas foram acontecendo (LUIZELLI, 2022).

E eu escrevi uma história no futebol. Eu não previa isso pra mim. Eu não sonhava, naquela época a gente não sonhava ser jogadora de futebol. Eu pelo menos não sonhava ser jogadora de futebol, mas eu consegui chegar. Eu acho que no mais alto nível que a gente consegue. (...) Nada que tenha sido programado, nada que tenha sido assim sonhado, enquanto jogadora. Até por conta da minha época, a gente vivia na época da proibição. (...) mas era brincadeira de criança que ficou séria e eu sou muito grata por isso (ABREU, 2022).

Talvez a explicação para não vislumbrarem no início uma carreira futebolística resida justamente no período em que elas começaram a jogar. A proibição existente e aquela fase inicial logo após a regulamentação, na qual há um crescimento significativo da modalidade, porém, longe de uma estrutura profissional ou de condições de profissionalização para as atletas. Como são de uma geração pioneira, elas precisaram pavimentar esse caminho que quando começaram a praticar o esporte ainda era inexistente. Elas faziam parte justamente da geração vista por Jatobá no estádio e que a fez perceber o futebol como uma profissão possível para mulheres.

Moreno também afirmou não imaginar uma carreira como futebolista e ironicamente é uma das entrevistadas que ainda atuam profissionalmente. O motivo é o mesmo apresentado por Leda, de acordo com Moreno: “até porque na

época a gente não tinha tanta visibilidade para isso, então eu só queria me divertir”. Há permanências no futebol de mulheres brasileiro graças à deficiência na estruturação da modalidade ou como vimos acima, o efeito sanfona. Moreno também relaciona a falta de visibilidade de mulheres no esporte no contexto em que cresceu ao fato de ser de uma cidade do interior do Paraná de apenas 5 mil habitantes.

Sobre o contato inicial com a prática esportiva, todas contaram que começaram a jogar ainda na infância, por volta dos 5 ou 6 anos. Desenvolviam diferentes estratégias como transformar a cabeça das bonecas em bola ou ficar chutando incessantemente uma bola na parede. Todas também jogaram na infância com meninos, seja na escola, no sítio, nas praças ou nas ruas. Algumas relataram que isso auxiliou no desenvolvimento corporal e até técnico, pois sentiram a diferença quando foram jogar apenas com meninas. Foi na adolescência que a brincadeira passou a ser mais institucionalizada, algumas relatam o início em escolinhas de futebol, outras o recebimento de bolsa de estudo em escola graças ao esporte e algumas já adentraram em times (profissionais e/ou categorias de base).

O fazer-se jogadora não é um processo individual e completamente autônomo. Tanto pela questão entre agência e estrutura, comentada anteriormente. Quanto pela possibilidade de compreender as carreiras como uma construção coletiva, no sentido de que as jogadoras ao longo de sua trajetória recebem apoios fundamentais para a consolidação de sua atividade profissional. Personagens de dentro ou de fora do campo esportivo interveem diretamente.

A família realiza intervenções decisivas. Diferente de muitos relatos comuns no futebol de mulheres, nos quais os familiares eram contrários às meninas jogarem bola, as famílias das entrevistadas não só foram favoráveis, como fundamentais no estímulo da prática. Algumas relataram que o futebol era parte importante da vida familiar, algum integrante da família também jogava ou havia jogado ou eram torcedores e acompanhavam bastante o esporte e passaram adiante essas práticas e sentimentos. Além do compartilhamento de uma paixão em comum e a introdução no meio futebolístico, muitos familiares foram responsáveis por ações concretas na trajetória delas: inscrição em escolinhas de futebol, enfrentamento de preconceitos de outras pessoas próximas, conselhos e

orientações em momentos decisivos da carreira, apoio emocional e financeiro, procura por times femininos.

Os pais e as mães foram os mais citados nesse caso. Os pais, principalmente, na introdução ao futebol. Por já terem um contato maior com a modalidade, seja como torcedor ou praticante, o que não é por acaso, pois o futebol é um esporte de hegemonia masculina. Os pais também teriam um orgulho em ver a filha jogando bola e tendo sucesso. As mães são retratadas como importantes ao longo da carreira, auxiliam com demandas decisórias, ajudam com atividades do dia a dia, incentivam (ou até cobram) os estudos. É a perspectiva de mulheres ligadas ao cuidado. Na narrativa de Jatobá quem assume esse papel é a sua avó: “Ela pegava ônibus comigo, ela andava a pé, então a gente procurava, ia na pracinha só com os meninos e ela estava sentadinha. Então assim, foi uma pessoa que sempre teve muito presente”.

As mães também se destacam por, primeiramente, não estarem tão entusiasmadas com a possibilidade da filha ser jogadora. Não por considerarem que o futebol não deveria ser praticado por meninas, mas porque havia uma preocupação financeira e com a discriminação:

A minha mãe me apoiava também, mas ela tinha muito receio por não ter apoio. Por ela sonhar com uma carreira para mim, eu venho de uma família humilde. A minha mãe, os meus pais, eles estudaram um pouco. A minha mãe é diarista, era diarista, empregada doméstica e meu pai também é empregado doméstico, então existe essa preocupação com o estudo, com o desenvolvimento intelectual, com a profissão. Então, se hoje já é um pouco difícil, imagina lá? Eu, com 10 anos, falando que queria ser jogadora de futebol, era 1995. Imagina a preocupação da minha mãe no que eu ia passar, tanto de preconceito quanto financeiramente (OLIVEIRA, 2022).

A fala de Oliveira é bem elucidativa dessa perspectiva da preocupação e do cuidado, sobretudo, pela realidade material que envolvia a carreira de futebolista para as mulheres. Isso se contrapõe à noção proposta por Araújo dos jogadores enxergarem o futebol como um meio de ascensão social, para as mulheres o esporte poderia implicar mais em uma possibilidade de dificuldade financeira do que de mobilidade social. Isso também nos fala sobre a origem socioeconômica delas. Nossas entrevistadas pertencem ao que Antunes (2009) nomeou de classe-que-vive-do-trabalho, com a intenção de conferir validade contemporânea ao

conceito marxiano de classe trabalhadora, considerando a diversidade dos trabalhos exercidos. São de camadas médias ou populares.

Somente uma das jogadoras a família não cumpriu esse papel tão decisivo, ainda que na infância tenha praticado o esporte com familiares, mas isso porque Maravilha saiu de casa cedo e rompeu com o pai, por ele ser contrário à continuidade dos estudos dela. Mas além da família as jogadoras muitas vezes estabelecem ou se inserem em uma rede de apoio que impulsiona e auxilia na carreira. Para Maravilha foi um amigo do assentamento do Movimento dos Sem Terra que passou a buscar times femininos e possibilitou a ela a oportunidade de fazer uma peneira em Porto Alegre ou outros amigos pastores que fizeram uma coleta em um culto e repassaram parte do dinheiro para ela. Oliveira conta da “patroa” da sua mãe responsável por auxiliar na permanência dela na faculdade, onde seguiu jogando futsal e melhorou suas habilidades.

A rede de apoio também é composta por agentes do campo esportivo. Oliveira recorda de Dona Inês, dirigente do Campo Grande, um dos primeiros times onde atuou, que dava comida, carona e hospedagem. Estabeleceu-se uma relação de carinho: “Então, até hoje, por exemplo, de Dia das Mães, eu mando mensagem pra ela, Natal eu mando mensagem pra ela. Eu estou falando de alguém que convive comigo desde que eu tinha 15 anos. Hoje eu tenho 37. É, então, a Dona Inês foi indispensável”. Na mesma linha, outras jogadoras citam treinadores ou treinadoras fundamentais em suas trajetórias. Aggio exemplifica isso com os técnicos da sua primeira escolinha: “Os meus treinadores que me deram a oportunidade de jogar na escolinha do Zico, no meio dos meninos. Porque se eles dissessem ‘não, a gente não tem futebol feminino e a Marina não vai poder fazer’, eu não tinha seguido. São as oportunidades que as pessoas vão dando para nós”.

O caminho percorrido pelas mulheres para terem o futebol como sua profissão está longe de ser linear ou progressivo. A intenção agora é compreender a partir das narrativas das entrevistadas a transição do futebol como lazer para o futebol como trabalho. Todas começaram a praticar o esporte ainda na infância e quando se tornaram adolescentes as primeiras oportunidades começaram a surgir. Ocorreu de diferentes maneiras: entrada em times femininos seja nas categorias de base ou equipe principal, bolsa de estudo, convocações para a

Seleção Brasileira (Rocha foi convocada quando tinha 16 anos), disputa de campeonatos de alto nível (Luizelli jogou a sua primeira Taça Brasil com apenas 13 anos, Aggio o Campeonato Paranaense com 15, Moreno o Campeonato Brasileiro de futsal com 15), participação em peneiras e seletivas, mudança de posição para assegurar vaga em um time (Maravilha fez um teste para jogar como atacante, mas ao notar que seria cortada decidiu jogar como goleira). Nesse momento de transição que os primeiros ganhos financeiros aconteceram. Inicialmente, era mais uma ajuda de custo, sem um ganho seguro e recorrente:

Meu primeiro dinheiro foi 50 reais como atleta. A gente sempre ia jogar aos finais de semana no interior de São Paulo, tinha 15, 16 anos. A gente ia jogar lá para um time chamado Make Plans e aí pagava as atletas. Então, meu primeiro dinheiro como atleta foi aí para jogar no final de semana. Cada final de semana a gente ganhava 50 reais (JATOBÁ, 2022).

Eu lembro na época que Cianorte falou assim, ó: “vem pra cá, vou te pagar 80 reais pra você jogar pra mim”. Eu falei: “mãe, tem um time que quer que eu vá jogar, vai me dar 80 reais”. Naquela época, você foi pensar 80 reais era até legal. Então daí minha mãe falou: “então vai”. Eu tinha 14 anos e eu ganhei 80 reais, eu acho. Eu falei: “mãe, tem gente querendo pagar pra jogar, entendeu?” (MORENO, 2022).

O meu primeiro real foi a Seleção Brasileira e foi esse real, suado, limitado. Eu sei que a gente vai falar era anos atrás. Mesmo assim era pouco. Sim, a verdade é essa. Mesmo assim era pouco (OLIVEIRA, 2022).

Outro elemento dessa fase transitória é a percepção de que o esporte deixa de ser uma brincadeira e passa a ser uma responsabilidade, o que envolve alguns sacrifícios e uma grande responsabilidade com o corpo:

Eu sempre tive o esporte como algo muito importante na minha vida. Quando saí da cidade pequena e fui para a escolinha do Zico, eu já tinha essa responsabilidade de ser atleta. Eu já sabia quais eram as minhas responsabilidades. Eu sabia que tinha que dormir cedo, eu sabia que tinha que dormir bem, eu sabia que tinha que descansar. Eu sabia que eu tinha que ingerir muita água. Eu sabia que para eu ser atleta, eu tinha que abdicar de algumas coisas e viver outras, e foi isso que eu fiz (AGGIO, 2022).

Eu acho que no meu primeiro teste, porque eu sempre me imaginei jogando futebol. A partir do momento que eu decidi que eu queria aquilo, eu levava aquilo muito a sério, então treinei para mim. Era muito sério cuidar do corpo. Eu sempre estudei longe, então se eu tinha que sair de casa às 6:00 da manhã, eu tinha que acordar às 5:30. Na verdade, eu acordava 5:15, fazia série de abdominais, umas séries assim de polichinelo, essas

coisas, e tomava banho e ia pra escola. Pra mim não era sacrifício, na verdade, era um objetivo só (OLIVEIRA, 2022).

A fase seguinte do fazer-se jogadora é justamente o início como profissional: a chegada em um clube que cria um vínculo trabalhista com a atleta – não necessariamente formalizado com contrato de trabalho –, um salário contínuo e não apenas o recebimento pontual e a disputa de torneios oficiais e institucionalizados:

Quando eu fui jogar no Vasco, eu percebi que eu estava virando uma jogadora de fato. Isso em 92. Olha, eu levei de 81 a 92, 11 anos para meio que a ficha cair, que eu estava começando a trilhar uma carreira de futebol. Mas não que isso fosse uma coisa consciente. Não era consciente para mim porque eu trabalhava, eu era obrigada a trabalhar. Até então com 18 anos, eu estudava e jogava e aí depois eu fiquei trabalhando e jogando. E aí, quando eu cheguei no Vasco, aí sim: você vai receber X, mas que também não era o suficiente para sobreviver. Eu tinha que trabalhar e jogar, mas aí foi quando eu comecei a disputar os campeonatos mais importantes da minha vida. Foram os Brasileiros de futsal e os Brasileiros de campo, chamados Taça Brasil. Então essa virada de chave foi quando eu comecei a jogar no Vasco. Foi jogando pelo Vasco que eu comecei a receber de fato, ali, algum salário. “Pô, eu tô dando o meu esforço, o meu trabalho e estou sendo remunerada” (ABREU, 2022).

Eu joguei o meu primeiro Paranaense, em 1999, pelo Londrina Futebol Clube. Os próprios treinadores da escolinha [do Zico] começaram a buscar espaços para mim, então eu fiquei de 13, 14 anos com eles, com 15 eu já jogava o Paranaense pelo Londrina Futebol Clube, que era uma equipe que já tinha uma organização no Paraná e ela competiu em vários locais. Naquela época, nós tínhamos um Paranaense forte e competimos em Londrina, Maringá, Curitiba, Cascavel, Toledo, Foz do Iguaçu, e foi ali que eu comecei a dar entrada nos meus primeiros campeonatos profissionais. Seguindo em frente, dali parti para São Paulo, porque é o foco do futebol feminino. Ainda hoje é São Paulo. Achei que eu tinha que sair do Paraná para conseguir algo melhor (AGGIO, 2022).

A fala de Abreu é significativa, pois demonstra que chegar no patamar de ser uma jogadora profissional poderia levar muitos anos, afinal, ela começou a jogar em 1981 e só se profissionalizou em 1992 quando chegou no Vasco da Gama. Novamente, é preciso considerar o contexto dessa geração pioneira, que construiu esses caminhos até então inexistentes. E mesmo quando o futebol se tornou trabalho, não era o único, pois em 1992 ainda precisava trabalhar em outros locais para conseguir se manter. Pouco depois isso se modificou e Abreu passou a viver apenas de futebol por uns anos – chegou a jogar em dois clubes ao

mesmo tempo, o Vasco no Rio de Janeiro e a Sabesp em São Paulo com futebol de salão. A trajetória de Aggio demonstra que esse início como profissional pode acontecer cedo, para ela já foi aos 15 anos. Outro elemento interessante é a migração para outro estado, visando melhores oportunidades. Como ela mesmo apresentou, São Paulo foi e é um polo importantíssimo do futebol de mulheres no Brasil.

A migração das atletas não acontecia somente dentro do Brasil. Como falado, seis das oito entrevistadas atuaram na Europa. A imigração se constituiu em um momento definidor do fazer-se jogadora, pois graças às melhores condições de trabalho que elas encontravam em clubes europeus, se comparado com os clubes brasileiros, elas se sentiam profissionais e consideravam o futebol como trabalho. Isso é um consenso na fala de todas que imigraram:

Acho que quando eu assinei meu primeiro contrato fora do país. Acho que quando eu cheguei lá e no Lyon da França e me deparei com toda aquela estrutura. Eu falei "nossa, realmente eu vou viver do futebol". (...) No meu ponto de vista, uma coisa profissional que eu tive foi fora do Brasil (ROCHA, 2022).

Ah, eu não tenho nenhuma dúvida: quando eu fui pra Itália. Eu acho que quando eu fui para a Itália eu vivi momentos muito legais, porque, tipo, a organização de campeonato que aqui no Brasil não existia. Periodização de treinamento que aqui também era uma coisa que era muito amadora. Eu diria que quando eu fui para a Itália naquela época, a gente tá falando de 30 anos atrás, o futebol, ele, a gente chamava na Itália, de diletante. O diletante, ele seria um entre um amador e um profissional, porque as meninas, no caso na Itália, elas também trabalhavam ou estudavam e a gente treinava à noite, naquela hora. Mas caso ali, eu já vivia do futebol, porque eu era estrangeira (LUIZELLI, 2022).

Foi quando eu fui para a Suécia. Sem dúvida nenhuma. Existe uma transição muito grande de sair do futebol brasileiro e ir para a Suécia, porque aqui eu me considerava uma profissional, fazia como tal, mas os clubes não tinham estrutura para oferecer isso para você. (...) Então eu saí do Brasil para a Suécia e fez com que eu virasse uma chave. Assim falar: "Opa, espera aí, eu sou profissional" porque eu vivia disso na Suécia, eu tinha uma casa, eu tinha um carro, eu tinha uma vida profissional, a mesma coisa que o masculino tem hoje. Quando você vai para a Europa, se as pessoas compreenderem é assim, você vai para aquele local, porque existe um clube que te contratou, que quando você chega lá, o seu salário já está caindo na conta, sem você precisar pedir pelo amor de Deus para alguém pagar (AGGIO, 2022).

Rocha imigrou para jogar no Lyon, mas depois acabou jogando na Itália, onde atua hoje:

O marco pra mim foi quando eu mudei do futebol de campo para o futsal. Na cabeça das pessoas, eu era uma dúvida. Só que eu na minha cabeça eu sempre tive uma coisa certa aqui. Assim, na minha cabeça, eu nunca tive dúvidas. (...) Então eu acho que ali eu tive um maior reconhecimento como atleta no esporte, porque ali eu comecei a ser valorizada. Aí eu comecei a ver time vindo atrás de mim o todo tempo, ali eu comecei a ver times que mudavam a forma de jogar porque eu estava dentro da quadra. Eu comecei ver que na Itália eu estava criando uma raiz enquanto jogadora, sabe? (ROCHA, 2022)

A jogadora coloca dois marcos em sua trajetória para identificar o profissionalismo. O primeiro é justamente a ida para a Europa. O segundo é outra imigração dessa vez para as quadras. Rocha seguiu uma tradição de atletas brasileiras transitarem entre o futebol de campo e o de salão. O que é interessante desse segundo marco é que ele está atrelado ao reconhecimento, pois a estrutura e boas condições de trabalho ela já havia alcançado anteriormente, desde o Lyon, o diferencial na Itália foi ser valorizada individualmente. Ou seja, o fazer-se jogadora considera, obviamente, fatores materiais (salário, contrato, condições de trabalho, estrutura física, profissionais especializados etc.), mas considera também ganhos subjetivos, como reconhecimento, presente de diferentes formas, até mesmo taticamente, quando o time se adequa para jogar de acordo com as características daquela atleta.

Considerações Finais

A regulamentação do futebol de mulheres no Brasil em 1983 foi uma importante conquista e abriu caminhos para um longo (e inacabado) processo de estruturação da modalidade, assim como, possibilidades profissionais para as mulheres no esporte. A construção de uma carreira futebolística é caracterizada pela ação das atletas no desenvolvimento de seus sonhos/projetos e pelos condicionamentos da estrutura social e do campo esportivo.

É fundamental compreender que o *fazer-se jogadora* comporta esses dois elementos. Ao nos debruçarmos sobre as trajetórias e narrativas de oito jogadoras brasileiras notamos que esse processo não é totalmente individual e nem homogêneo, pois elas desenvolvem diferentes estratégias e alcançam distintos resultados. O futebol como trabalho ocorre também de maneiras diferenciadas a

depende do contexto, do local, do clube e dos demais agentes do campo esportivo envolvidos. Algumas semelhanças e permanências também perpassam as carreiras das entrevistadas, como a precarização do trabalho ou o efeito sanfona.

Por fim, é necessário considerar as características da carreira de jogador/a (breve, instável, contratos curtos, sacrifícios, alta preocupação e conexão com o corpo, *embodied career*, e o futebol como elemento de identidade) e destacar os desafios oriundos das desigualdades de gênero (atuação em um ambiente de hegemonia masculina em que as mulheres são sistematicamente marginalizadas e subalternizadas) para promover efetivamente a equidade de gênero no campo esportivo.

Referências

Fontes Orais

AGGIO, Marina. **Marina Aggio**: entrevista [27 set. 2022]. Documento digital (1h37). Arquivo pessoal.

DE ABREU, Leda Maria. **Leda Maria de Abreu**: entrevista [23 out. 2022]. Documento digital (1h30). Arquivo pessoal.

LUIZELLI, Eduarda. **Eduarda Luizelli (Duda Luizelli)**: entrevista [24 out. 2022]. Documento digital (54 min). Arquivo pessoal.

JATOBÁ, Simone. **Simone Gomes Jatobá**: entrevista [31 out. 2022]. Documento digital (1h12). Arquivo pessoal.

MORENO, Thaisa R. M. **Thaisa R. M. Moreno**: entrevista [3 nov. 2022]. Documento digital (1h07). Arquivo pessoal.

OLIVEIRA, Carla S. **Carla Santos de Oliveira**: entrevista [18 out. 2022]. Documento digital (1h38). Arquivo pessoal.

ROCHA, Dayane F. **Dayane Fátima da Rocha**: entrevista [14 out. 2022]. Documento digital (1h19). Arquivo pessoal.

WAHLBRINK, Marlisa. **Marlisa Wahlbrink (Maravilha)**: entrevista [5 dez. 2022]. Documento digital (1h35). Arquivo pessoal.

Bibliografia

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen De. **Os gênios da pelota**: um estudo do futebol como profissão. 1980. 100 f. UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.

ASTRUC, C. O futebol como profissão: origem, ascensão social e o mundo do trabalho dos futebolistas brasileiros (1950-1980). In: HOLLANDA, B. B.; FONTES, P. (Org.). **Futebol & mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

CULVIN, Alex. **Football as work**: the lived realities of professional women footballers in England. 2019. University of Central Lancashire, 2019.

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão**: Uma Etnografia do Futebol Espetáculo a partir da Formação de Jogadores do Brasil e na França. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FIFPro World Players' Union. **Global Employment Report**: Working Conditions in Professional Women's Football: Hoofddorp, Netherlands, 2017.

GOELLNER, S. V.; CABRAL, J. R. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005.

HOLLANDA, B. B.; FONTES, P. Introdução. In: HOLLANDA, B. B.; FONTES, P. (Org.). **Futebol & mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

HOLLANDA, B. B. B.; RIBEIRO, R. R. História Oral, prática futebolística e cidades no Brasil: conflitos e apropriações nas narrativas de ocupação dos campos de “futebol de várzea” de Belo Horizonte. **História Oral**, v. 22, n. 2, p. 33–57, 2019.

HOLLANDA, H. B. **Explosão Feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que Barbies e Ogras**: uma Etnografia do Futebol de Mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

MCGILLIVRAY, David; FEARN, Richard; MCINTOSH, Aaron. Caught up in and

by the beautiful game: A case study of Scottish professional footballers. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 29, n. 1, p. 102–123, 2005.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As Narrativas Sobre O Futebol Feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2005.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PORTELLI, A. **História Oral como a Arte da Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, n. fev., p. 25–39, 1997.

RODERICK, Martin. **The Work of Professional Football. A labour of love?** Londres: Routledge, 2006.

SANTOS, J. M.C. M. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Giovana Capucim. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2015.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. A árvore da liberdade. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

TONINI, Marcel Diego. **Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2016.